

Diferentes linguagens no estágio supervisionado em geografia no território do sisal da Bahia

Rafael de Souza Ferreira¹ - Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9339-6823>

Simone Ribeiro Santos² - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5477-6216>

¹ Universidade do Estado da Bahia, Serrinha - BA, Brasil*

² Universidade do Estado da Bahia, Serrinha - BA, Brasil**

Artigo recebido em 30/10/2024 e aceito em 09/01/2025

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do uso de diferentes linguagens no ensino de Geografia, no período de regência de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, no semestre 2023.2, do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XI, realizado na Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, Serrinha-BA, no Ensino Fundamental II, especificamente no 9º ano C, matutino. Este texto decorre do seguinte questionamento: o uso das diferentes linguagens pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia? Para esta escrita foi necessária a revisão bibliográfica, dialogando com diferentes autores da área, como Lorenzo (2015), Alves (2016), Ferreira (2017). A experiência vivenciada com o uso das diferentes linguagens no Estágio Supervisionado em Geografia II, da UNEB, permitiu afirmar que elas potencializam o ensino e a aprendizagem e temas e conceitos da Geografia na Educação Básica.

Palavras-chave: diversas linguagens; ensino; estágio; geografia.

The different languages in the supervised internship in geography in the sisal territory of Bahia

ABSTRACT

The present work aims to report the experience of using different languages in teaching Geography, during the Supervised Curricular Internship period in Geography II, in the semester 2023.2, of the Degree in Geography course, at the State University of Bahia (UNEB), campus XI, held at Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, Serrinha-BA, in the final years of Elementary School II, specifically in the 9th year C, morning. This text arises from the following question: can the use of different languages contribute to the teaching-learning process in Geography classes? For this writing, a bibliographical review was necessary, dialoguing with different authors in the area, such as Lorenzo (2015), Alves (2016), Ferreira (2017). The experience with the use of different languages in the Supervised Internship in Geography II, at UNEB, allows us to affirm that they enhance teaching and learning and themes and concepts of Geography in Basic Education.

Keywords: various languages; teaching; internship; geography.

* Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: rafaelsouzagomes99@gmail.com

** Licenciada em Geografia. Doutora em Educação e Contemporaneidade. Profa. do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: ssoliveira@uneb.br

Las diferentes idiomas en las prácticas tuteladas en geografía en el territorio de sisal de Bahia

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo relatar la experiencia del uso de diferentes lenguajes en la enseñanza de Geografía, durante el período de Práctica Curricular Supervisada en Geografía II, en el semestre 2023.2, de la carrera de Licenciatura en Geografía, en la Universidad del Estado de Bahía (UNEB), campus XI, realizado en la Escuela Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, Serrinha-BA, en los últimos años de la Escuela Primaria II, específicamente en el 9º año C, por la mañana. Este texto surge de la siguiente pregunta: ¿el uso de diferentes idiomas puede contribuir al proceso de enseñanza-aprendizaje en las clases de Geografía? Para este escrito fue necesaria una revisión bibliográfica, dialogando con diferentes autores del área, como Lorenzo (2015), Alves (2016), Ferreira (2017). La experiencia con el uso de diferentes idiomas en la Práctica Supervisada en Geografía II, en la UNEB, permite afirmar que potencian la enseñanza y el aprendizaje y temas y conceptos de Geografía en la Educación Básica.

Palabras-clave: diferentes idiomas; enseñanza; pasantía; geografía.

INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DA ESCRITA

Pensar o ensino de Geografia na atualidade exige refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem para além das práticas tradicionais, muitas vezes marcadas por métodos de memorização de uma Geografia descontextualizada e insignificante, centrada em uma educação “bancária”, onde o estudante se torna mero espectador passivo nas discussões que poderiam potencializar a construção do conhecimento.

Nesse contexto, o Estágio Supervisionado em Geografia II se apresenta como um componente curricular significativo, pois permite aos discentes conhecerem o espaço escolar, observar a prática docente, a metodologia adotada pelo professor, a relação professor-aluno, o perfil e a característica de cada estudante, um momento importante para ter um diagnóstico da educação e poder planejar ações e estratégias que venham proporcionar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, participativo, inclusivo e democrático, no período de regência. Uma estratégia viável para isso é a utilização das diferentes linguagens, como charges, tiras, *podcasts*, fotografias, gráficos, infográficos, música, textos literários, cinema, jogos analógicos e digitais, no ensino de Geografia, como a que foi vivenciada no estágio, com os estudantes da Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, em Serrinha-BA, em 2023.

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada, no contexto da formação inicial do professor de Geografia, através do uso de diferentes linguagens no ensino de Geografia, no período de regência de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, no

semestre 2023.2, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XI, Serrinha, realizado na Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, Serrinha-BA, no 9º ano C, matutino, anos finais do Ensino Fundamental II.

A questão que mobilizou a escrita foi: - como o uso das diferentes linguagens pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia? Para tanto, este trabalho decorre de uma experiência vivenciada no contexto da formação inicial do professor de Geografia, do curso de Licenciatura em Geografia, ofertado pelo Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XI, Serrinha, cuja escrita está ancorada na revisão bibliográfica sobre dois principais eixos temáticos: ensino de Geografia e formação do professor, seguido das memórias do autor principal deste texto sobre as experiências vividas na Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, com a turma do 9º ano C, matutino, durante o período de estágio supervisionado curricular obrigatório, onde foram realizadas observações e regências com o uso de metodologias diversificadas das diferentes linguagens – textual, imagética, cinematográfica, jogos, dentre outras.

Desta forma, apresentar os relatos e resultados dessa experiência pode ampliar as produções acadêmicas sobre ensino e diferentes linguagens no ensino de Geografia, possibilitando potencializar o ensino de Geografia de maneira lúdica e didática, de maneira que outros professores, em formação inicial e/ou continuada, possam refletir sobre diversos procedimentos metodológicos nas aulas de Geografia.

Quanto aos procedimentos metodológicos adotados na escrita deste manuscrito, vale ressaltar que decorre de uma pesquisa empírica, de abordagem qualitativa, ancorada nas experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado em Geografia II, obrigatório, do curso de Licenciatura em Geografia do DEDC da UNEB, *campus* XI, Serrinha, realizado entre os dias 28 de agosto a 11 de outubro de 2023, na Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, em Serrinha-BA, tendo os estudantes da turma do 9º ano C, do Ensino Fundamental II como público alvo. Então, foi nesta escola campo de estágio que foram realizadas observações e desenvolvidas regências de classe, utilizando diferentes linguagens, com acompanhamento dos planejamentos feito pela professora coordenadora de estágio e docente do componente curricular de Estágio Supervisionado em Geografia II da UNEB. As linguagens escolhidas para serem utilizadas no estágio foram as textuais, cinematográfica, jogos, fotográficas, dentre outras imagéticas.

Vale ressaltar que foi necessária uma revisão bibliográfica de diferentes autores que dialogam com a nossa temática, como Lorenzo (2015), Alves (2016), Ferreira (2017), Souza e

Queiroz (2012), dentre outras, para subsidiar a escrita, ancorada nas experiências vivenciadas no contexto da formação inicial do professor de Geografia do autor principal desta escrita.

Este manuscrito encontra-se estruturado em cinco seções. A primeira delas é esta, nomeada como *Introdução: o contexto da escrita*, cuja intenção é situar o leitor sobre esta escrita. A segunda seção intitula-se *Estágio Supervisionado em Geografia II: espaço-tempo de formação docente* que objetiva apresentar a importância do estágio na formação do professor. A terceira seção é *Uso das diferentes linguagens no ensino de Geografia: o relato da experiência vivenciada no estágio supervisionado*, que contextualiza a experiência vivenciada no estágio com o uso das diversas linguagens em uma escola pública localizada em Serrinha-BA. A quarta seção é nomeada como *Considerações finais* que intenciona encerrar a escrita deste texto retomando elementos essenciais e, por último, estão as referências, os autores e as obras consultadas que nos ajudaram a tecer este texto.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA II: ESPAÇO-TEMPO DE FORMAÇÃO DOCENTE

O Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II é um componente fundamental na formação do graduando do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação (DEDC)¹ da UNEB de Serrinha².

A UNEB é a maior Instituição de Ensino Superior (IES) da Bahia³, mantida pelo governo do Estado, com quarenta anos de existência, que oferece diversos cursos de graduação e pós-graduação através da multicampia, estando presente, geograficamente, em todos os territórios de identidade⁴ baianos.

¹ O DEDC em Serrinha originou-se da Faculdade Estadual de Serrinha (FES) por meio de uma integração com a Universidade do Estado da Bahia, criada em 1988, mas foi por meio da reestruturação das universidades estaduais da Bahia que a FES foi renomeada para Departamento de Educação (DEDC). Esse *campus* encontra-se localizado próximo à rodoviária de Serrinha e foi o décimo primeiro departamento implantado na UNEB

² O município está localizado no sertão nordestino, a 183,4 km de Salvador, capital baiana. O seu território conta com área de 583,314 km², de acordo com os dados de 2022 do IBGE.

³ O Estado da Bahia possui quatro universidades estaduais: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (UESB); Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

⁴ Forma de regionalização do Estado da Bahia, no qual os 417 municípios ficam agrupados em 27 Territórios de Identidade, demarcados por critérios ambientais, econômicos e culturais, entre outros, além de observar as populações como grupos sociais relativamente distintos, os quais indicam identidade, coesão social, cultural e territorial.

Atualmente, a UNEB possui 32 departamentos⁵ instalados em 27 *campi*⁶, dentre os quais um encontra-se sediado na capital baiana, onde fica a administração central da instituição, e os demais distribuídos em outros municípios baianos, presente em 19 dos 27 Territórios de Identidade da Bahia, atendendo à população que vive nos 417 municípios do estado.

O DEDC, *campus* XI, da UNEB, instalado em Serrinha, oferta 03 cursos de graduação – Licenciatura em Geografia, Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Administração – e dois cursos de pós-graduação – Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) e Especialização em Análise Ambiental e Gestão Sustentável do Território (PPAGT)⁷. É neste departamento que nasce este texto, mais especificamente a partir das experiências vivenciadas no contexto do Estágio Supervisionado em Geografia II⁸.

Os estágios supervisionados permitem os graduandos conhecerem e realizarem práticas docentes, seja em sala de aula ou em outros espaços educativos, colocando em prática a teoria aprendida na academia, além de proporcionar outros aprendizados que estão além do âmbito da universidade, como as vivências, trocas de saberes, compartilhamento de culturas, entre outras possibilidades. Nesse sentido, Pimenta e Gonçalves (1990) *apud* Pimenta e Lima (2008), “consideram que a finalidade do estágio é proporcionar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”. Assim, o Estágio Supervisionado se constitui-se como:

⁵ Departamento configura-se como um órgão de administração setorial, pertencente à estrutura da universidade que reúne docentes, estudantes e técnicos administrativos e constitui-se como órgão responsável pelo planejamento, execução, acompanhamento, controle e avaliação administrativas e didático-científicas, desfrutando de autonomia nos limites de sua competência.

⁶ São eles: Salvador - *campus* I; Alagoinhas - *campus* II; Juazeiro - *campus* III; Jacobina - *campus* IV; Santo Antônio de Jesus - *campus* V; Caetité - *campus* VI, Senhor do Bonfim - *campus* VII; Paulo Afonso - *campus* VIII; Barreira - *campus* IX; Teixeira de Freitas - *campus* X; Serrinha - *campus* XI; Guanambi - *campus* XII; Itaberaba - *campus* XIII; Conceição de Coité - *campus* XIV; Valença - *campus* XV; Irecê - *campus* XVI; Bom Jesus da Lapa - *campus* XVII; Eunápolis - *campus* XVIII; Camaçari - *campus* XIX; Brumado - *campus* XX; Ipiaú - *campus* XXI; Euclides da Cunha - *campus* XXII; Seabra - *campus* XXIII; Xique-Xique - *campus* XXIV; Lauro de Freitas - *campus* XXV; Jeremoabo - *campus* XXVI e; Canudos - *campus* XXVII (Avançado), distribuídos entre três biomas baianos – Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga.

⁷ Portal UNEB, 2023.

⁸ Os estágios no curso de Licenciatura em Geografia da UNEB de Serrinha, ofertados na segunda metade da formação inicial, a partir do quinto semestre, ocorrem em diferentes municípios próximos do *campus* XI da UNEB, como Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Lamarão, além de Serrinha. No quinto semestre é ofertado o Estágio Supervisionado em Geografia I, com 105 horas, que tem como objetivo promover a inserção dos licenciandos nas escolas que ofertam o Ensino fundamental II para observarem a prática do professor e realizar algumas atividades de docência. No Estágio Supervisionado em Geografia II, carga horária de 105 horas, os graduandos, professores de Geografia em formação inicial, assumem a regência de classe por uma unidade escolar letiva. No Estágio Supervisionado em Geografia III, com 105 horas a carga horária, tem como locus os espaços educativos não escolares para realização de oficinas temáticas vinculadas à ciência geográfica com diferentes perfis de público. No Estágio Supervisionado em Geografia IV, carga horária de 105 horas, o público alvo é o Ensino Médio e configura-se como momento de efetiva regência. Com uma reformulação curricular, a partir de 2022, as novas turmas de Licenciatura em Geografia do DEDC da UNEB, *campus* XI, passaram a realizar o Estágio III no Ensino Médio e o Estágio IV nos espaços educativos não escolares.

[...] elemento curricular fundamental na formação docente, pois, na promoção da relação teoria-prática, este oportuniza outros conhecimentos do campo de trabalho, novos conhecimentos pedagógicos, procedimentos administrativos e de organização do ambiente escolar, inter-relação educandos-educador e vice-versa, educando estagiário e educandos e vice-versa, educador e educando estagiário e de educandos entre si (Lorenzo, 2015, p. 98).

A partir do exposto por Lorenzo (2015), o estágio é um espaço de aproximação entre teoria e prática, pois ocorrem aprendizagens mútuas entre todos os sujeitos envolvidos – estagiário, estudante da escola básica, docente, dirigente escolar, funcionários – ou seja, o estágio se constitui em um espaço-tempo de formação para várias pessoas, sobretudo para o professor em formação inicial, porque todas as pessoas da escola contribuem para a identidade deste sujeito que está aprendendo a profissão docente no processo inicial de formação. Desse modo, “O estágio é o locus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade” (Buriolla, 1999 *apud* Pimenta; Lima, 2008, p. 62), pois é um “[...] *espaçotempo* que articula [...] a mediação reflexiva dos saberes [...]” (Portugal; Oliveira; Cardoso, 2021, p. 127) essenciais à formação do professor.

Assim, o espaço escolar contribui significativamente para a formação da identidade docente, uma vez que proporciona: observações, planejamentos, contato direto com os estudantes e a regência, momento em que conseguimos perceber as dificuldades para realização da prática, apesar das possibilidades que a escola oferece para auxiliar no desenvolvimento das aulas e as superações que permitem a criação de estratégias por parte do estagiário para o desenvolvimento da aula, além de proporcionar um amadurecimento profissional em formação, contribuindo no processo de formação da identidade docente do estagiário.

Ademais, Piconez (2012), ressalta que:

O estágio supervisionado é uma das alternativas para aproximar o futuro professor da realidade escolar e da reflexão ‘sobre a prática vivida e concebida teoricamente, são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permitem perceber problemas que permeiam as atividades’. Além disso, favorece discussões sobre os processos pedagógicos e suas diversas facetas (Piconez, 2012, p. 24-25).

Todo processo que constitui o Estágio Supervisionado em Geografia contribui para reflexão das experiências conquistadas no espaço escolar, como afirma Piconez (2012). Além de promover reflexões sobre tais experiências adquiridas que agregaram na sua formação, esse fazer e refletir sobre o espaço escolar, enquanto formação de sujeitos e o docente enquanto formador de opinião e de conhecimento, permite pensar a prática docente de modo sensível nas escolhas das metodologias, das linguagens, dos objetivos, enfim, no planejamento da aula para que consiga

atingir o olhar crítico e reflexivo daquele estudante sobre determinado assunto do espaço geográfico em que ele está inserido, além de apresentar possibilidades de transformações.

Essa reflexão é fundamental para repensar as experiências no estágio e perceber qual é o papel do docente nesse processo, qual o objetivo que se quer alcançar em sala de aula, qual contribuição deve ser dada ao estudante. Estas questões devem ser consideradas nos processos de construção da formação docente que articulam a teoria e prática e a realidade da escola.

Ademais, a realização do estágio permite, o professor em formação conhecer o ambiente da sala de aula, de modo que propicie um olhar crítico e reflexivo diante dos retornos que os estudantes dão, pois:

[...] no ato do estágio ele aprende e ensina na perspectiva do saber fazer, motivando, sensibilizando e obtendo (in) formações e trocas de saberes, na construção do conhecimento. É, portanto, o momento em que conhecendo a realidade, refletimos e agimos sobre a mesma no sentido da práxis transformadora, capaz de contribuir na formação e no fortalecimento da identidade do/a educando/a (Lorenzo, 2015, p. 99).

Ainda segundo Lorenzo (2015), o estágio se apresenta como um dos momentos do processo de formação de professores, nos quais o/a licenciando/a adentra a escola para conhecê-la e compreender sua importância, o seu funcionamento e as possíveis dificuldades de um profissional docente.

Diante do exposto até aqui, o estágio é, para além das realizações das práticas em sala de aula, um importante campo para aquisição de conhecimento e de formação inicial docente, tendo em vista as articulações feitas entre teoria e prática, possibilitando ensinar e aprender através das trocas entre estagiário e estudantes, ou seja, é um espaço-tempo que envolve uma compreensão da totalidade do que é educação e ensino de Geografia, bem como, entender os desafios enfrentados para o desenvolvimento do ensino, as estratégias traçadas para superá-las e as possibilidades de construir uma práxis social crítica e emancipadora para aqueles sujeitos e para a comunidade que estão inseridos, pois o estágio é mais que uma atividade prática, ele é teórico porque é um momento de instrumentalização da práxis docente, pois “[...] o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (Pimenta e Lima, 2008, p. 45).

Nesse sentido, a construção da práxis se dá mediante o desenvolvimento do raciocínio crítico em sala de aula sob a luz das teorias que subsidiam a prática da ação docente e discente em proposta de transformação da realidade.

Portanto, a teoria exerce um importante papel em fornecer teoricamente um contexto real a ser estudado e interpretado de um determinado fenômeno, mas para que ocorra a práxis social, não basta apenas conhecer e interpretar o objeto, é preciso agir, isto é, colocar em prática a teoria estudada de modo que venha proporcionar a transformação da realidade para um bem comum na/para sociedade/natureza. E a ciência geográfica oferece essa análise teórica e ação para uma práxis libertadora e emancipatória, desde que o docente estimule os estudantes a:

[...] pesquisar, raciocinar, relacionar, argumentar, criar e aprender, superando a prática da cartilha e do exercício simples de memorização, sem negligenciar a importância dos conteúdos científicos sistematizados e sua apreensão como possibilidade emancipatória. Trata-se de assumir o papel de formação do cidadão para a sociedade, preparando-o para ser sujeito, questionador e transformador de sua realidade (Abreu, 2012, *apud* Polon, 2018, p. 03).

Para esse propósito de aprendizagem, é preciso sair da prática tradicional de ensino e assumir uma postura crítica e reflexiva da prática docente em desenvolver sua aula em sala e propor metodologia capaz de fornecer subsídio para essas discussões e participações ativas dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem na construção do conhecimento crítico, na qual, potencialize os conhecimentos e as práticas sociais dos estudantes para intervenções positivas na sociedade. Além disso, é preciso que o professor ou estagiário tenha um domínio teórico do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula e consiga relacionar/aproximar esse campo teórico da Geografia com a realidade dos estudantes, para que assim, tenhamos uma educação geográfica significativa, contextualizada e reflexiva da realidade dos sujeitos em formação, pois “[...] é necessário que o professor tenha capacidade e habilidade de dialogar as estruturas teóricas com o lúdico-didático, onde a vivência do aluno seja contemplada” (Cardoso; Queiroz, 2016, p. 05).

Um outro desafio mencionado por Lorenzo (2015) está justamente em propor metodologias e linguagens de ensino que chamem a atenção e envolvam ativamente os estudantes no processo de ensino-aprendizagem, de modo que tornem um ensino agradável e motivador para os mesmos, pois:

É na escola que se pode perceber a necessidade de pôr em prática a teoria aprendida na Universidade, necessitando, portanto, propor à escola novas metodologias e linguagens de ensino, capazes de instigar a curiosidade dos/as educandos/as, tornando o ambiente agradável e atrativo ao gosto daqueles, situando-os como participantes e sujeitos do processo de aprendizagem (Lorenzo, 2015, p. 103).

Neste contexto, como bem afirma o autor mencionado acima, surgiu a necessidade de uso de diferentes linguagens para ensinar e aprender temas e conceitos da Geografia Escolar, pois este foi o desafio vivenciado no Estágio Supervisionado em Geografia II, na Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, uma unidade escolar que oferta o ensino público, na cidade de Serrinha, interior

do estado da Bahia, sobretudo porque as metodologias ativas não faziam parte do cotidiano escolar na turma onde foram realizadas as observações, antes da efetiva regência de classe durante o estágio.

Vale salientar que, no período das observações das aulas do regente de classe, tivemos que repensar a prática docente e utilizar metodologias e linguagens de ensino diversificadas para mediarmos a construção do conhecimento em sala de aula na tentativa de tornar um ensino de Geografia mais agradável e interessante para os estudantes, além de apresentar outros artefatos didático-pedagógicos que possibilitassem potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

USO DAS DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O RELATO DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio Supervisionado em Geografia II foi realizado na Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, no período de 28 de agosto a 11 de outubro de 2023, com os estudantes da turma do 9º ano C, turno matutino. O período correspondente a este estágio foi dividido em três etapas interdependentes – observação, coparticipação e regência de classe.

Nos períodos de observação e coparticipação, foi possível diagnosticar que a turma era participativa nas aulas, porém, tinha dificuldade em aprender os conteúdos e os estudantes não tinham compromisso com as entregas dos trabalhos propostos pela professora regente.

Dessa maneira, durante os planejamentos das sequências didáticas acompanhadas pela professora coordenadora de estágio, na universidade, foram criadas diversas estratégias de ensino, ancoradas nas diferentes linguagens e metodologias ativas, para conseguir prender a atenção dos estudantes, bem como estimular a discussão e participação em sala de aula de modo ativo e reflexivo. Isso porque:

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizam o educando como sujeito repleto de experiências de vida, com curiosidade sobre o mundo em que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Está coragem está na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como um mero receptor de verdades absolutas, mas como um sujeito que cria, que pode transformar e tecer dúvidas (Castrogiovanni *et al*, 2007 *apud* Souza e Queiroz, 2012, p. 111).

Para tanto, foram utilizadas as linguagens textual, cinematográfica, fotográfica, imagética e jogos. Trabalhados nos conteúdos de xenofobia e manifestações xenofóbicas; União Europeia; Império Russo a CEI: movimento de fronteiras; A Comunidade dos Estados Independentes e Rússia e o uso estratégico e político da energia.

No primeiro dia de aula de regência foi abordado o conteúdo da xenofobia e foram utilizadas reportagens (Figuras 1, 2 e 3) para provocar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do assunto e, em seguida, foi explanado o conteúdo com auxílio de *slides*, que proporcionou uma atenção maior para o que estava sendo explicado, uma vez que as projeções temáticas em *Power Point* permitem a visualização e a leitura, isso chama a atenção dos estudantes. Após a explanação, tivemos a hora de colocar em prática o que eles aprenderam, através de uma produção de um mural (Figura 4), o qual foi intitulado como “Mural anti-xenofóbico”. A proposta era desconstruir frases xenofóbicas retiradas de *posts* de redes sociais, cuja intenção foi valorizar as diferentes culturas, opiniões políticas e sociais.

Figuras 1: Caso de xenofobia na Europa



Figura 2: Caso de xenofobia na Europa



Figura 3: Posts xenofóbico nas redes sociais



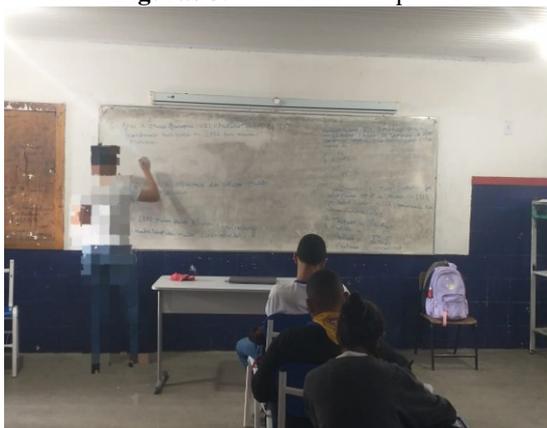
Figura 4: Apresentação do mural anti-xenofóbico



No segundo dia de regência foi abordado o conteúdo da União Europeia e, para o desenvolvimento desse conteúdo, foram utilizadas as linguagens textual e cinematográfica. De

início, os estudantes foram estimulados para uma discussão inicial, o que consideramos fundamental para identificarmos os conhecimentos que os discentes tinham sobre o conteúdo, além de inseri-los no processo de discussão e construção do conhecimento. Na sequência, após o levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes, foi feita uma atividade no quadro, uma forma de incentivar a escrita e de verificar os conhecimentos adquiridos após as explicações, conforme exposto nas figuras 5 e 6.

Figuras 5: Atividade em quadro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figuras 6: Atividade em quadro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Seguindo ainda neste conteúdo, em outro dia, foi exibido um filme, “BREXIT” que possibilitou a abordagem de uma época fortemente influenciada por notícias falsas e de controle de dados pessoais através de manipulação midiática, pois a narrativa fílmica abordava um político – Dominic Cummings (Benedict Cumberbatch) que liderava uma forte campanha que tinha como foco principal convencer o maior número possível de britânicos a votarem a favor da saída do Reino Unido da União Europeia. Os registros deste momento estão apresentados pelas figuras 7 e 8.

Figura 7: Exibição filmica



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 8: Exibição cinematográfica



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Essas figuras 7 e 8 permitem afirmar que:

[...] o papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo (Barbosa, 2003 *apud* Alves, 2016, p. 30).

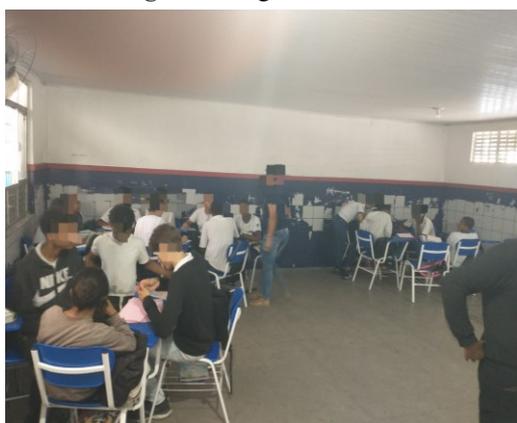
Assim, o filme em sala de aula possibilitou aos estudantes visualizarem e compreenderem o contexto daquele assunto investigado, provocando os estudantes a refletirem sobre o que estavam vendo e como o acontecimento estava sendo reproduzido no espaço geográfico, despertando o raciocínio crítico dos estudantes a partir do filme, destacando alguns pontos, através de uma roda de conversa sobre o assunto exposto no filme, articulado com as exposições orais feitas nos momentos que antecederam a exibição filmica. Além disso, é possível fazer uma interdisciplinaridade através do filme, o que torna o ensino mais significativo e ampliado, pois:

A linguagem cinematográfica no ensino de Geografia possui papel fundamental na representação imagética dos conteúdos relacionados a esta disciplina escolar. A ciência Geográfica, por ter o espaço como seu principal objeto de estudo está intrinsecamente ligada às películas filmica, visto que as histórias contempladas nas narrativas das obras são vividas em diversos ambientes, cenários, paisagens, onde as cenas acontecem, e que a Geografia poderá se apresentar [...] (Silva; Anjos; Portugal, 2019, 216-217).

Com isso, o contexto apresentado nos filmes, permite uma análise geográfica em diferentes aspectos da Geografia, expostos nas cenas filmicas, as quais revelam paisagens, lugares a partir dos cenários que compõem as cenas filmicas, bem como a relação humana com a natureza e a produção e reprodução do espaço em diferentes escalas temporais, possibilitando uma aprendizagem crítica diante do observado, problematizado e discutido para o desenvolvimento do raciocínio crítico do estudante.

Em outro momento de regência, foi realizado um jogo sobre o conteúdo União Europeia que envolveu relações comerciais entre os países e com outros blocos econômicos. O jogo chamou-se “Mercado dos blocos econômicos” e, para realização dessa dinâmica, a sala foi dividida em quatro equipes, cada uma representando um bloco econômico. E, para a realização deste momento, foram distribuídos quatro pastas contendo tesoura, lápis, borracha, uma régua para que cada grupo pudesse construir formas geométricas, a partir da articulação e negociação entre os grupos. Ganharia o grupo que produzisse mais formas geométricas no tempo determinado. Após a produção no tempo determinado, o representante de cada grupo deveria vender as formas ao banco. Na sequência, foi feito o levantamento da produção de cada grupo, discutindo a importância da negociação entre os blocos, além dos possíveis impactos decorrentes da produção, como evidenciam as figuras 9 e 10.

Figura 9: Jogo de mercado



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 10: Dinâmica Jogo de mercado



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Conforme as figuras, este foi um momento de bastante concentração dos estudantes na realização da atividade proposta, pois foi uma forma de promover diversão intencionada, tendo em vista desenvolver o raciocínio lógico dos estudantes, articulando temáticas geográficas através do jogo, o que provocou uma discussão riquíssima, tanto na importância das relações comerciais entre os blocos econômicos mundiais, quanto nas consequências deixadas ao meio ambiente e a sociedade pelas produções capitalistas. Portanto, investir em jogos criativos, como esse realizado neste estágio, possibilitou provocar a reflexão, a discussão e a participação dos estudantes em sala de aula.

Nesse sentido, pensar o ensino de Geografia que permita o envolvimento da turma e o interesse é um desafio constante, como afirma Morais citado por Ferreira, ao dizer que:

Ensinar a geografia de maneira que os alunos possam sentir-se interessados pela disciplina é um desafio constante a todos os professores, é necessária uma busca e reflexão constantes por meios que favoreçam o processo de ensino aprendizagem. Na busca por uma maneira de ensinar que possibilite aos alunos um aprendizado significativo da geografia, descobriu-se a importância do cotidiano de cada um para o entendimento e significação dos conteúdos (Morais, 2011 *apud* Ferreira, 2017, p. 116).

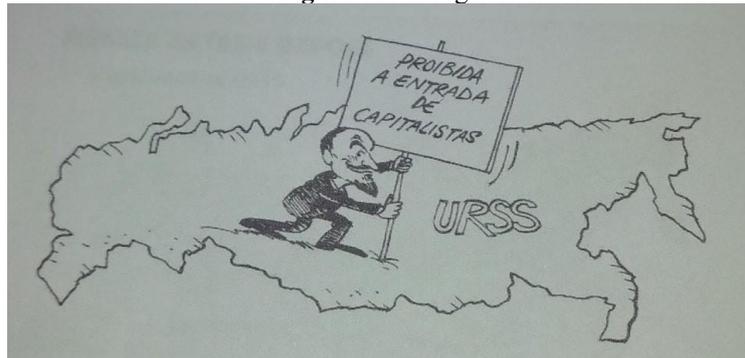
Diante de tal afirmação, é notório que o professor de Geografia precisa explorar mais as potencialidades metodológicas proporcionadas pelas diversas linguagens (música, cinema, literatura, fotografias, jogos, dentre outras), de modo a contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos, não se limitando apenas ao livro didático, quadro e leituras proporcionadas pelo livro didático, não que isso não seja importante, mas é preciso inserir outras linguagens no processo de ensino-aprendizagens geográficas. Elas são e precisam estar presentes em sala de aula, mas é necessário que o docente perceba a importância de inserir outros dispositivos didáticos que venham potencializar, ainda mais, o ensino e a aprendizagem dos educandos nas aulas de Geografia.

Segundo nessa perspectiva, em outra aula, com o conteúdo do Império Russo a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), foi feito o uso de charge (Figura 11) para provocar a reflexão dos estudantes sobre a temática, na tentativa de explorar os conhecimentos prévios dos mesmos. Assim, questionamos:

- O que a charge representa?
- Qual contexto histórico ela representa?
- Qual a principal mensagem que ela quer transmitir?
- O que você entende por União Soviética?

Esses questionamentos foram importantes para provocar os estudantes, ou seja, foi possível iniciar o conteúdo com perguntas norteadoras que possibilitassem atingir o propósito do uso daquela charge no contexto da aula.

Figura 11: Charge



Fonte: Brainly.com.br.

Após essas discussões iniciais, foi abordado o conteúdo com uso de *slides* e mapas temáticos a respeito da expansão do império russo e a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, conforme as figuras 12 e 13, a seguir.

Figura 12: Mapa da expansão do império russo



Fonte: elaborado com base em KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. Atlas histórico mundial: de los orígenes a la Revolución Francesa. Madrid: Istmo, 1970. p. 290.

Fonte: Brainly.com.br.

Figura 13: Mapa de incorporação dos países a URSS



Mapa da União Soviética após a Segunda Guerra Mundial

Fonte: Todamatéria.com.

Vale salientar que o uso de imagens, como as cartográficas (mapas), por exemplo, possibilita o desenvolvimento de diferentes habilidades, como afirma Cavalcanti *apud* Silva (2018), ao dizer que:

[...] É importante o uso do mapa no cotidiano das aulas de geografia, para auxiliar análises e desenvolver habilidades de observação, manuseio, reprodução, interpretação, correção e construção de mapas. Os alunos podem ter a oportunidade de construir seus mapas, suas representações de realidades estudadas, aplicando operações mentais já desenvolvidas (como os mapas mentais), ou aprendendo elementos da cartografia para expressar melhor a realidade. Os alunos precisam ter, também, a oportunidade de ler mapas, de localizar fenômenos, de fazer correlações entre fenômenos (Cavalcanti, 2012 *apud* Silva, 2018, p. 16).

Assim, é importante inserir o uso da linguagem cartográfica nas aulas de Geografia, pois os mapas nos permitem explorar e visualizar o espaço geográfico, aprender a ler, interpretar, localizar e analisar determinado fenômeno apresentado no mapa, o que foi feito após as explicações do

conteúdo em uma atividade impressa com mapa temático, no qual, possibilitou os estudantes analisar, interpretar, localizar e desenvolver o raciocínio crítico para responder às questões propostas, com auxílio dos estagiários, conforme exposto na figura 14.

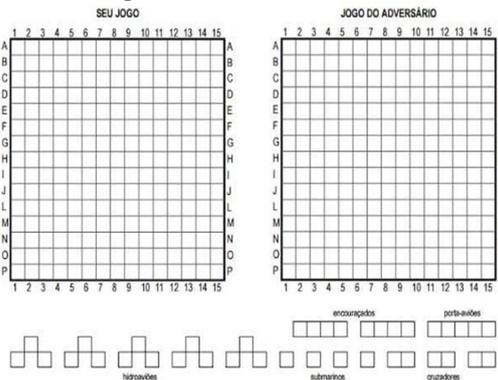
Figura 14: Realização de atividade com mapa



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Em outro momento, ainda sobre o mesmo conteúdo, foi realizado um jogo de batalha naval, cujos objetivos eram fazer os estudantes conhecerem o sistema de localização de pontos e encontrar objetos através do sistema de coordenadas geográficas, além de proporcionar discussão com os estudantes sobre a importância da estratégia dos jogos relacionando com o conteúdo da expansão do império russo, como está registrado nas figuras 15, 16 e 17.

Figura 15: Batalha naval



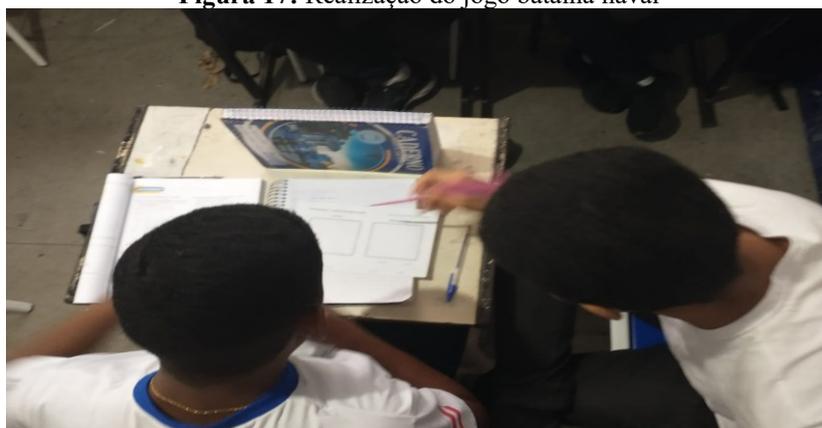
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 16: Realização do jogo batalha naval



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 17: Realização do jogo batalha naval

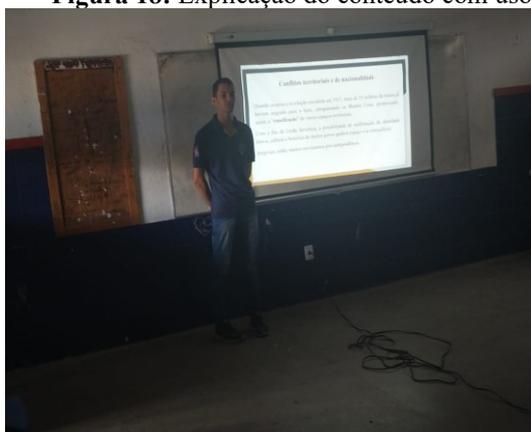


Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Para realização dessa atividade, os estudantes tinham que distribuir suas embarcações pelo tabuleiro, marcando os quadrados em que estarão ancoradas as suas embarcações da seguinte forma: um porta-aviões (cinco quadrados); dois encouraçados (quatro quadrados cada um); três cruzadores (três quadrados cada um); quatro submarinos (dois quadrados cada um). As embarcações deveriam ocupar os quadrados na extensão de uma linha ou de uma coluna. Por exemplo, um porta-aviões deve ocupar cinco quadrados em uma linha ou em uma coluna. Ganhava o jogador que conseguisse afundar mais embarcações do adversário.

Em outros momentos de regências, foi abordado o conteúdo da Comunidade dos Estados Independente (CEI), através do uso também de *slide* e mapas temáticos, conforme exposto nas figuras 18 e 19.

Figura 18: Explicação do conteúdo com uso de slide



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 19: Uso de mapas temáticos em aula



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Após esse momento, foi abordado, de forma breve, o tema da guerra entre Rússia e Ucrânia. De início, os estudantes foram instigados a se posicionarem e expressarem suas opiniões

a respeito desse conflito. Para tanto, foi apresentada uma charge, destacada na figura 20, e através dela os estudantes conseguiram tanto apresentar sua opinião a respeito da charge, como do conflito. É importante destacar que esse momento inicial foi muito importante para o estagiário, pois ele proporcionou um diagnóstico dos conhecimentos dos alunos a respeito do assunto abordado, o que eles compreenderam, o que ainda precisa ser melhorado e o que precisam aprender, além de oportunizar debates interessantes para a construção do conhecimento e inserir a participação dos mesmos nesse processo.

Figura 20: Charge sobre a guerra na Ucrânia



Fonte: blogdoaftm.com.br.

Assim, a partir do experienciado no estágio, podemos afirmar que o uso de imagem, como a charge, nas aulas de Geografia, pode estimular os estudantes, em diferentes momentos da aula, e incentivar a sua participação no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para compreensão do conteúdo estudado e realizar diversas análises, pois:

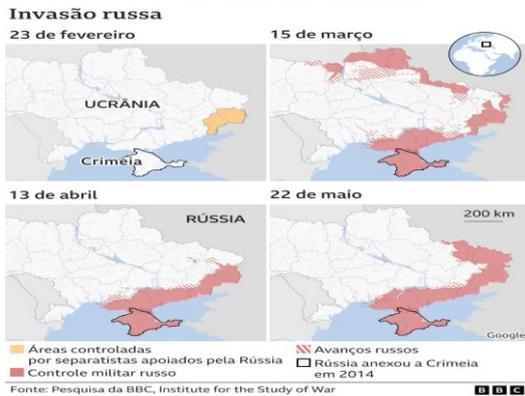
[...] a leitura de imagens nas aulas de Geografia como importante aliada no exercício da docência e imprescindível no cotidiano escolar, já que esta pode ser utilizada pelo professor como ponto de partida para iniciar a discussão de um conteúdo, como também uma problemática proposta ao longo das aulas, ou ainda a peça chave para encerrar a abordagem de um conteúdo. Podendo o professor diagnosticar os conhecimentos prévios da turma, promover o debate e auxiliar na construção de um conhecimento que seja realmente significativo (Ribeiro; Silva; Jesus, 2016 *apud* Ribeiro; Silva; Lima, 2019, p. 115).

Portanto, as imagens, como linguagens no ensino em Geografia, contribuem para uma educação geográfica significativa, uma vez que permitem múltiplas possibilidades para serem utilizadas na sala de aula e sensibilizar os discentes no desenvolvimento do raciocínio crítico, realizando as análises e interpretações críticas do que está sendo exposto na imagem e no próprio espaço geográfico, já que as imagens são representações do espaço vivido. Assim, pode potencializar a leitura, interpretação e compreensão do próprio espaço de vivência dos estudantes.

Na sequência, foi abordado o conteúdo usando mapa temático e fotografias como estratégias didáticas, proporcionando uma visualização e compreensão melhor acerca do conteúdo,

conforme as figuras 21, 22 e 23. E, no final, foi realizada uma trilha geográfica, apresentada nas figuras 24, 25, 26.

Figura 21: Expansão da invasão russa no território ucraniano



Fonte: BBC.com.

Figura 22: Pessoas saudando ucranianos por consequências da guerra



Fonte: Brasilesola.uol.com.br.

Figura 23: Destruição de casas na Ucrânia



Fonte: CNNBrasil.com.br.

Figura 24: Trilha geográfica



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 25: participação dos estudantes no jogo



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 26: alunos jogando a trilha



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O jogo da trilha foi iniciado com o lançamento de um dado e saiu na frente o jogador que fizesse maior pontuação. O estudante cairia em uma casa, que por sua vez, teria uma

pergunta/afirmação. Caso o participante respondesse corretamente, avançaria no jogo. Assim, aconteceriam essas situações sucessivamente até que o jogador avançasse até o ponto de chegada. Durante o percurso, alguns empecilhos foram dispostos no jogo, como voltar uma casa ou ficar uma vez sem jogar.

Diante do exposto, Sawczuk e Moura (2012) destacam que:

O uso de jogos favorece a participação ativa dos alunos em atividades escolares, sendo uma ferramenta eficaz no combate ao baixo rendimento escolar e a falta de interesse dos estudantes no processo educativo, levando em conta o seu desempenho com jogos referentes aos conteúdos programados. Sendo assim, a proposta de criação de um método ativo de ensino e aprendizagem por meio de jogos pedagógicos justifica-se por atender as necessidades dos professores em despertar a atenção e o interesse do aluno para o ensino-aprendizagem da Geografia, alcançando os objetivos esperados ao oportunizar a pesquisa e a ação, incentivando a curiosidade e a vontade de aprender (Sawczuk e Moura, 2012, p. 03).

Diante desta experiência vivenciada no âmbito do Estágio Supervisionado em Geografia II, foi possível afirmar que através dos jogos houve uma participação ativa dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da escola campo de estágio, pois houve uma interação maior entre os colegas de turma e conseguiram aprender o conteúdo trabalhado, de forma livre e espontânea, proporcionado, principalmente pelo ato de jogar que é uma ação relacionada ao entretenimento, ainda pouco explorada na escola básica.

No último dia de estágio, foi realizada uma autoavaliação de maneira lúdica com os estudantes, com o jogo das cadeiras, onde os estudantes apresentavam um aspecto positivo e outro negativo do que foi vivido em sala (Figura 27).

Figura 27: Autoavaliação, jogo das cadeiras



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Portanto, diante dos resultados apresentados, destaca-se a importância de ter um prévio diagnóstico da turma, identificando o perfil da turma, para selecionar quais linguagens poderão ser trabalhadas para proporcionar aprendizagens dos estudantes, fazendo com que eles participem das dinâmicas propostas, proporcionando debates e conhecimentos. Isso foi possível principalmente a partir do levantamento dos seus saberes prévios, dos questionamentos feitos durante as aulas, da problematização do conteúdo, estimulando-os para indicarem possíveis soluções, tornando, assim, as aulas mais interessantes, participativas, despertando a atenção deles.

Dessa forma, o uso das diferentes linguagens nas aulas de Geografia possibilita o desenvolvimento do raciocínio geográfico, pois:

[...] a utilização de diferentes linguagens ajudará o aluno a refletir sobre informações apreendidas. Ademais, o uso 'de outras linguagens e recursos didático-metodológicos pode aumentar o interesse dos alunos pela Geografia; com o interesse reavivado, torna-se produtivo investir e reinvestir no ensino' (Santos; Costa; Kinn, 2010, *apud* Ferreira, 2017, p. 117-118).

Ademais:

Nessa perspectiva, a utilização das diversas linguagens em sala de aula constitui-se como importante estratégia metodológica que potencializa o processo de ensino-aprendizagem, pois permeiam os mais variados dispositivos e artefatos. Estes são passíveis de apropriação pedagógica, o que possibilita construir representações do conteúdo estudado, de forma que, fatos, fenômenos e processos geográficos são explorados, discutidos e conceituados em sala de aula de maneira contextualizada (Ribeiro; Silva; Lima, 2019, p. 108).

A partir do exposto pelos autores acima, podemos afirmar que o uso das diversas linguagens disponíveis como metodologias ativas de ensino de Geografia pode contribuir não apenas para despertar o interesse e a participação dos estudantes sobre o conteúdo, mas ir muito mais além, elas promovem debates, reflexões e problematizações de forma conjunta com a turma, ao mesmo tempo, cria mecanismo de possíveis soluções, despertando o raciocínio crítico de cada sujeito, possibilitando-os serem mais críticos, criativos e atuantes na sociedade onde vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que o período do Estágio Supervisionado em Geografia II, na Escola Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, em Serrinha-BA, na turma do 9º ano C, matutino, do Ensino Fundamental, permitiu conhecer o campo da sala de aula, os desafios impostos pela docência, bem como articular outras formas de ensinar e aprender Geografia, pois este importante espaço-tempo de formação, qual seja, o estágio, oportunizou a utilização do uso das diversas linguagens para o desenvolvimento das aulas, contribuindo tanto para as

aprendizagens dos estudantes como para a formação inicial do professor de Geografia da UNEB do *campus XI*.

Vale salientar que o uso desses e de outros dispositivos didáticos no processo de ensino-aprendizagem geográfica potencializa a educação, tornando mais dinâmica a sala de aula, bem como auxiliou os estudantes a desenvolverem suas habilidades e competências de aprendizagens, além de fornecer condições de capacidades de aquisição de novos conhecimentos e práticas transformadoras e emancipadoras.

Esperamos que esta experiência vivenciada no estágio nos anos finais da Educação Básica, vinculada ao DEDC da UNEB, *campus XI*, Serrinha, possa contribuir com outras maneiras de ensinar temas e conceitos de Geografia, bem como, também, sirva de inspiração para outras pesquisas que envolvem o ensino de Geografia na Educação Básica, além de possibilitar discussões outras envolvendo os estágios na formação do professor de Geografia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. Ensino de Geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p. 27 - 34, Fevereiro. 2016.
- CARDOSO, Cristiane. QUEIROZ, Edileuza Dias de. Reflexão sobre o ensino da Geografia. Desafios e Perspectivas. **Anais... XVIII Encontro Nacional de Geógrafos: A Construção do Brasil: Geografia, ação política e democracia**. São Luiz - MA, 2016.
- FERREIRA, Kalina Fernanda Cavalcanti. Uso de diferentes linguagens no ensino de geografia para estudo e compreensão do espaço geográfico e da globalização. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 14, p. 114-127, jan./jun. 2017.
- LORENZO, Ivanalda Dantas Nóbrega Di. Estágio Supervisionado Docente e novas linguagens no ensino de Geografia. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015.
- SAWCZUK, Márcia Inês Lorenzet; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Jogos pedagógicos para o ensino de geografia. **Caderno Pedagógico PDE**, Governo do Estado, Secretária de Educação, Paraná, V. 1, 2012. Disponível: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_geo_artigo_marcia_ines_lorenzet_sawczuk.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.
- PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; CARDOS, Ivan dos Reis. Estágio Supervisionado em Geografia: narrativas de formação e aprendizagens da/na/sobre a docência. In.: PAIM, Robson Olivino; PEREIRA, Ana Maria de Oliveira; COPATTI, Carina; GENGNAGEL, Claudionei Lucimar (Orgs). **Geografias que fazemos: educação geográfica em diferentes contextos**. Coleção Percursos de Educação Geográfica. Volume 02. Curitiba: CRV, 2021, p. 125-145.
- PICONEZ, Stela C. Bertholo (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 24 ed. Campinas: Papyrus, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UNIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA. **Cad. Pesq.** São Paulo, n.94, p. 58-73, ago. 1995.

POLON, Luana Caroline Künast. A Relevância do Estágio Supervisionado no Âmbito da Formação de Licenciados em Geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 22 (2018), ed.6 p. 01-08.

RIBEIRO, José Marcos Silva; SILVA, Manuela Evangelista da; LIMA, Maristela Rocha. Ensino de geografia e diversas linguagens: potencialidades, contextualizações e perspectivas. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; ANJOS, Adineide Oliveira dos; Araújo Maria Madalena Mota de; LIMA, Maristela Rocha (Orgs.). **Geografia Escolar, iniciação à docência e diversas linguagens: experiência de formação**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 107-123.

SILVA, Ana Elizabeth Jerônima da. **Uso de mapas temáticos como prática metodológica no ensino de Geografia** - Cajazeiras, 2018.

SILVA, Tailson Oliveira; ANJOS, Adineide Oliveira dos; PORTUGAL, Jussara Fraga. Linguagem cinematográfica no ensino de geografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; ANJOS, Adineide Oliveira dos; Araújo Maria Madalena Mota de; LIMA, Maristela Rocha (Orgs.). **Geografia Escolar, iniciação à docência e diversas linguagens: experiência de formação**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 207-226.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de; QUEIROZ, Patrícia Pires. O cotidiano na Geografia, a Geografia no cotidiano: as múltiplas linguagens no ensino e na aprendizagem. In: PORTUGAL, Jussara Fraga. CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 109-129.